

Uma aventura

Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

Ilustrações de
Arlindo Faundes

em Lisboa



CAMINHO

10.ª edição

Ficha Técnica

Título: Uma Aventura em Lisboa
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
© Editorial Caminho - 1988

Ilustrações: Arlindo Fagundes
ISBN: 9789722122658

Editorial Caminho, SA
Uma editora do grupo Leya
Editorial Caminho
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal

www.caminho.leya.com

*Aos queridíssimos
Maria José, Vasco,
Nara e Gonçalo*

Agradecimentos

Para fazermos este livro tivemos o apoio de várias pessoas a quem queremos agradecer:

Dr.ª Isabel Cruz Almeida — conservadora do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém

Dr.ª Dulcineia Gil

Dr.ª Ana Veríssimo

Sr. Manuel António — funcionário do Aqueduto das Águas Livres

João Pinhal — Rádio Santiago de Sesimbra

Capítulo 1

Um colega muito especial

- Brrr... que frio horrível!
- Estava-se tão bem na cama!

As gémeas tinham acabado de sair de casa, muito encolhidas dentro do blusão. No primeiro dia de aulas a seguir às férias do Natal custava-lhes sempre imenso retomar o horário. Claro que, mal entravam em férias, não tinham qualquer problema em passarem a levantar-se tarde! Mas o contrário era um inferno. Na véspera à noite o sono não vinha e de manhã, quando ouviram o despertador, nem queriam acreditar que estava na hora. De olhos inchados e a tiritar de frio, lá se arranjaram para irem para a escola.

— Luísa, traz o cachecol e as luvas — dissera a Teresa. — Deve estar muita humidade. Olha só o nevoeiro!

De facto, o mundo parecia envolto numa cortina branca e espessa. Não se via um palmo adiante do nariz! Os carros circulavam muito devagar e com os faróis acesos. As pessoas apareciam e desapareciam, conforme estavam mais perto ou mais longe, todas com o pescoço enterrado nos ombros e muito agasalhadas.

Quando chegaram ao portão, estacaram, divertidas.

— Parece uma «escola fantasma», ó Teresa!

Os rolos de nevoeiro moviam-se devagar, ora tapando ora destapando o Pavilhão 2, de modo que quem não conhecesse aquele espaço tinha o direito de duvidar se o edifício estava ou não estava ali.

Vários grupos foram chegando, uns mais ensonados do que outros. Havia quem trouxesse mochilas novas, botas, pastas, casacos, tudo presentes de Natal acabadinhos de estrear!

— O Pedro, achas que já chegou? Ele disse que vinha cedo.

— Não o vejo em parte nenhuma, nem ele, nem o Chico, nem o João...

Demasiado murchas e sem energia para procurarem os amigos, preferiram ir direitas para a porta da sala.

— Já nem me lembro do que é que costumávamos ter à primeira hora.

— Eu nem sei que dia é da semana...

Era segunda-feira. A professora de Inglês abriu-lhes a porta bocejando longamente. Pelos vistos, também ela estava cheia de sono!

— Olá! Então? Que tal as férias?

— Curtas, muito curtas...

Entre risos e queixumes lá se foram instalando. Claro que o Paulo começou logo com os disparates do costume, mas a professora não se zangou e até fez de conta que não viu, para não ter de ralhar logo no primeiro dia.

Puseram livros e cadernos em cima das mesas, tiraram para fora lápis, canetas, borrachas, num ritmo muito mais lento do que o habitual, e, quando tinham começado a trabalhar aí há dez minutos, alguém bateu à porta.

A professora foi abrir. Apareceu um rapaz que ninguém conhecia, bastante alto e magro, vestido de preto dos pés à cabeça.

— Desculpe — explicou ele numa voz firme e agradável —, esta escola é muito grande e acho que me perdi.

— Mas tu não és desta turma!

— Eu venho transferido de Mem Martins e disseram-me que era aqui...

— Ah... deixa cá ver...

A professora abriu o livro com os nomes dos alunos. Alguém da secretaria tinha acrescentado um nome no fim.

— Eduardo Pinhal? És tu?

— Sou.

— Bom, então está bem. Escolhe um lugar vago e senta-te.

A turma inteira observava-o em silêncio. Tantos pares de olhos fitos nele deixaram-no um pouco atrapalhado. Mas tentou disfarçar e sentou-se lá ao fundo sozinho.

— Já tens o livro de leitura e o livro de fichas? — perguntou a professora.

— Eu tenho, mas na minha escola usávamos outro.

— Bom... então hoje acompanhas a aula como puderes e depois vê se compras o material igual ao dos teus colegas, está bem?

Ele acenou que sim e retomou-se o trabalho.

Lá atrás, muito calado, o aluno novo procurou passar despercebido. E conseguiu, pois nunca mais ninguém se lembrou dele. A professora era muito dinâmica e não deixava perder nem um segundo! Depois da leitura do texto e do diálogo em inglês ainda preencheram uma ficha e fizeram a correcção.

Entretidos, não se aperceberam do que se passava na última carteira senão quando tocou. O Paulo, ao voltar-se, até soltou uma exclamação abafada:

— Oh!

— Eh, pá! Que giro! Mostra — pediu um outro chamado Jaime.

Alertados, os colegas foram também dar a sua espreitadela.

O Eduardo tinha-se entretido a fazer uma construção que cobria o tampo da mesa. Era um autêntico Palácio da Bela Adormecida! Enorme, com torres pontiagudas, uma ponte levadiça, muros e mais muros, com ameias e tudo.

— Onde é que arranjaste este material? — perguntou a Luísa, tocando ao de leve com a ponta dos dedos na torre

mais alta.

— É papel.

— Papel? Mas que papel tão esquisito!

— É papel mastigado — explicou ele. — Queres ver como é que se faz?

E perante o olhar apreciativo dos colegas, o Eduardo arrancou uma folha do caderno, cortou-a em tiras e enfiou uma na boca. Mastigou, mastigou e depois cuspiu uma bola com toda a facilidade.

— Vêem? Esta pode ser a primeira bala do canhão...

Durante o intervalo ninguém arredou pé. Vários tentaram experimentar se também seriam capazes de fazer aquilo, mas sem grande êxito. Cuspinhar bolinhas de papel era fácil, agora transformá-las em construções, isso já requeria certa habilidade.

— Quem vai gostar de te conhecer é o professor de Educação Visual — disse o Paulo. — Se calhar até te obriga a dares cuspo para fazermos materiais novos.

O Eduardo riu-se e, antes de começar a aula seguinte, atirou com o palácio de papel para o lixo.

— Oh! Que pena! — disse a Teresa.

— Estava tão giro...

Ele encarou aquelas duas colegas iguaizinhas e sorriu-lhes, simpático:

— Que engraçado! — disse. — Vocês são gémeas verdadeiras. Pelo que vejo, só têm uma diferença mínima que as distingue...

A Teresa e a Luísa empalideceram.

— Como é que sabes?

— Então, basta olhar! É...

De um salto, a Luísa pôs-se ao pé dele e tapou-lhe a boca.

— Não digas! Não digas a ninguém!

— Porquê?

— É que nunca ninguém descobriu qual é a diferença entre nós as duas.

— Bom, está bem, eu não digo nada.

— Prometes? — perguntou a Teresa.

— Prometo!

Os olhos dele franziram-se, mudando ligeiramente de tom, e na bochecha apareceu uma cova redondinha.

— Eu nunca faltei a uma promessa — acrescentou.

A Teresa fez um ar de dúvida.

— Não acreditas?

— Não é isso. Se calhar não sabes qual é a diferença e estás a fingir...

Ele então puxou-as para perto e segredou qualquer coisa ao ouvido de ambas. Depois perguntou em voz alta:

— É ou não é?

— É! Acertaste.

Quando a professora de Matemática entrou na aula, as conversas tiveram de acabar e todos se dirigiram para os seus lugares.

O Eduardo foi lá ao pé dizer-lhe que tinha sido transferido para aquela turma.

A Luísa aproveitou a pausa para perguntar muito baixinho à irmã:

— Este Eduardo... achas giro, não achas?

— Giríssimo! — foi a resposta.